

# CHOQUE & MODERNIDADE: BENJAMIN ÀS VOLTAS COM FREUD

## SHOCK & MODERNITY: BENJAMIN DEALING WITH FREUD

Diego Luiz Warmling<sup>1</sup>  
Thor João de Sousa Veras<sup>2</sup>

**Resumo:** Da proposta freudiana de *Além do Princípio do Prazer* (1920), este artigo põe à prova a “teoria do choque” desenvolvida por Walter Benjamin como chave da crítica à modernidade, e cuja problemática visa distinguir *Erfahrung* e *Erlebnis*. Primeiramente, veremos como a segunda tópica freudiana nos põe diante daquilo que está subscrito ao aparato psíquico. Numa segunda instância, compreenderemos 1) como, da vivência dos choques, Benjamin encontra em Baudelaire um caminho à lírica da modernidade e 2) como, lendo Freud, a vida nas cidades nos despe da memória das experiências passadas, forçando-nos a estar atentos aos perigos imediatos e, sob o preço de uma irreflexividade, criar modos de defesa capazes de proteger-nos dos múltiplos choques. Veremos como estas vivências afetam as distintas esferas da vida cotidiana à ponto de habitar todos os seus domínios. Todavia, se aqui a “estética dos choques” leva à atrofia da experiência histórica, veremos, à luz de Freud, como o ensaísta jamais distingue as demandas traumáticas das não-traumáticas. Contrários à Benjamin, defenderemos enfim que suas teses não são compatíveis com Freud, pois ambos diferem tanto no aspecto decisivo da memória na proteção contra os desgostos, quanto acerca da gênese de nossos traumas.

**Palavras-chave:** Freud. Benjamin. Choque. Modernidade.

**Abstract:** Drawing on the freudian proposal in *Beyond the Pleasure Principle* (1920), this article articulates the constitution of the "theory of shock", developed by Walter Benjamin as a key to critique of the crisis of modernity, whose problematic concerns the distinction between the concepts of *Erfahrung* and *Erlebnis*. Firstly we question how the second Freudian topical puts us before what is subscribed to the psychic apparatus. In a second instance, we will understand 1) how, from the experience of *shocks*, Benjamin's critique of the crisis of experience finds in Charles Baudelaire a path to the lyric of the modernity, and 2) how, in Freud's sense, the lives experienced in the city takes us away from the memory of our past experiences, forcing us to be aware of the most immediate dangers and, at the price of a behavioral unreflectivity, to create defense modes capable of protecting us from multiple forms of shock. We shall see how the reality of these experiences affects the multiple spheres of daily life to the point of tacitly inhabiting all spheres of life. However, if the shocks tends both to the atrophy of historical experience and to the emergence of an 'aesthetic of shocks', in the light of Freud, we shall see how the essayist fails to distinguish the traumatic demands from the non traumatic ones. Contrary to Benjamin then, we will argue that his theses can hardly be made compatible with Freud's, since they both differ as much in regard to the decisive aspect of memory in protecting against disgusting situations as in our traumatic genesis.

**Keywords:** Freud. Benjamin. Shock. Modernity.

---

<sup>1</sup> Formado em Filosofia. Mestrando em Ontologia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFil UFSC). Bolsista Capes. E-mail: diegowarmling@hotmail.com

<sup>2</sup> Formado em Filosofia. Mestrando em Ética e Filosofia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFIL-UFSC). Bolsista Capes. E-mail: thor.verass@gmail.com

## **1. Itinerário Freudiano: consciência versus memória**

Em Freud, a querela das pulsões toma um novo caminho quando, em 1920, trata da *repetição* e do trauma da *morte*. Além do *Princípio do Prazer* surge como uma revisão do que, ao longo dos anos, fora imposto aos conceitos de objeto, sujeito e economia libidinal. E isto acontece de tal modo que, se até o momento a psicanálise esteve subscrita pelos significantes da ordem, da constância e do prazer, agora cede lugar ao vazio, à contingência diante daquilo que, invisível e silencioso, faz-se tácito ao aparato psíquico.

Lendo o texto, salta à vista como, até 1920, Freud parece ter-se contentado em entender que os conflitos mentais ligavam-se ora aos instintos reprodutivos, ora se dirigiam ao “Eu”, que, por seu turno, abarcava a autoconservação egóica. Finalizada em 1914, a distinção entre *pulsões sexuais* e *de autoconservação* (ou *pulsões do eu*) tinha em vista uma “resistência” ao livre escoamento pulsional que, evitando o desprazer, mantivesse o sistema anímico equilibrado diante das demandas externas. Assim, face à esta predominância do *princípio do prazer*, é episódico que o aparelho psíquico estivesse empenhado em conservar a “excitação nele existente a mais baixa possível, ou ao menos constante” (FREUD, 2010c, p. 164).

Secundário ao *princípio do prazer*, existiria, também, um *princípio de realidade*, que remeteria tanto aos fatos agradáveis, quanto às adversidades tais como elas são impostas. Por influência da autoconservação, o *princípio do prazer* fora atualizado pelo *princípio de realidade*, que, suscitando uma constância nos prazeres, evitaria e distinguiria as alucinações dos processos primários. Sem, com isto, serem contraditórios, notamos como, à título de seguridade, ambos os princípios fazem avançar funções conscientes como a renúncia, a atenção e o juízo. Todavia, alerta Freud, apesar de predominantes, não constituem a regra, pois “o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer” (FREUD, 2010c, p. 165)

Isto posto, vemos como, via *repetição*, Freud abre mão de alguns causos para fundamentar sua hipótese. Dentre eles, elucida 1) as neuroses traumáticas envolvendo risco de vida e 2) a repetição infantil de certas vivências desagradáveis. Iniciando pelos quadros da primeira guerra, diz que, devido aos traumas causados, esta resultou numa grande quantidade de pessoas cujos sonhos retornavam, continuamente, à situação do

acidente<sup>3</sup>. Diante destas tendências masoquistas do Eu, não é, enfim, o passado que se faz traumático, mas sua revivescência atual. Considerando, então, a "normalidade", traz à baila as ocupações de seu neto Ernstl, filho de Sophie. Para o alemão, o garoto repetia em suas brincadeiras (“*fort*” e “*da*”<sup>4</sup>) o simbolismo de encenar e protestar à saída da mãe. Abdicando de sua passividade, Ernstl não suportava tal desgosto a não ser por um ganho de prazer, ainda que anobjetal. Todavia, salta aos olhos como estes causos não contradizem o que fora proposto até 1920! Se esmiuçados, em nada buscam o desagradável; antes, sanar suas faltas – condição esta que não se aplica aos adultos normais.

Ora, se até o momento o aparelho psíquico esteve pautado pela "seguridade", é a *compulsão à repetição* em jovens e adultos que faz constatar como certas vivências retornam à atualidade, fazendo o sujeito repetir os conteúdos reprimidos como se estes não pertencessem ao passado. Para além de uma mera “reprodução do idêntico”, a *repetição* evidencia o impulso tácito fugidio à significação. Remete-nos à algo que não passa pela ordem da substituição objetal ou narcísica, mas que deixa, desde sempre, resíduos aquém da conscientização. Reiterando a dor, é a incapacidade de escapar à regressão. Ela faz repetir a situação do trauma, da “qual desperta com renovado terror” (FREUD, 2010c, p. 169). Trata-se da impossibilidade de recusar que as pulsões são pertinentes aos estados mais primitivos e inanimados das coisas.

Destituída de controle tético, dá a impressão de um destino que não cessa de se repetir e renovar – algo quase demoníaco. Se, então, a relacionamos com o *princípio do prazer*, vemos como “traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010c, p. 179), tampouco entendimento ou conscientização. Caracteriza, portanto, aquilo que até momento não fora tematizado: um “mais-além” mais fundamental/irresistível que qualquer seguridade. Freud enxerga, nisto, um ponto de ausência de sentido que o faz indagar por novos referenciais e, assim, formalizar estas vivências que se repetem, deixam resíduos e, ao escopo de nossa leitura, amparam a hipótese do inconsciente.

Para ele, a *repetição* desemboca num novo dualismo: o das *pulsões de vida e morte*. Se o *princípio do prazer* está orientado pela constância, então repete certos estados primordiais dos quais o indivíduo jamais foge. Estes estados revelam que “*o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes*

---

<sup>3</sup> Aqui vale notar que, quando lermos Walter Benjamin, estes serão os quadros tomados pelo ensaísta.

<sup>4</sup> “Ir embora” e “lá”, quando transliterados ao português.

*que o vivente*” (FREUD, 2010c, p. 204). É disto que admitimos a possibilidade de encontro com esta evidência que – universal, indelével, anojetal e não-fálica – não cessa de nos surpreender: a morte, ou melhor, Thánatos.

Com efeito, circunscritas, agora, sob o signo das *pulsões de vida* (Eros), as *pulsões sexuais* e do *Eu* se contrapõem às catexias reputadas à Thánatos. É como se um conjunto disjuntivo de forças estivesse precipitado “para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida” (FREUD, 2010c, p. 208) e outro – conjuntivo – corresse “para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada” (FREUD, 2010c, p. 208). Complementares<sup>5</sup>, de um lado estariam as *pulsões de morte*, que, invisíveis e silenciosas, “pretendem conduzir a vida à morte” (FREUD, 2010c, p. 214) e, na contraparte, as *pulsões de vida*, que, ruidosas e ligadas à um objeto de desejo, “buscam e efetuam a renovação da vida” (FREUD, 2010c, p. 214). Para Garcia-Roza, é “Eros se contrapondo ao Thánatos e garantindo o dualismo tão caro a Freud” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 137). Sendo assim, não é à toa que, via *princípio do nirvana*<sup>6</sup>, o alemão ratifique a predominância tácita das *pulsões de morte* sob a psique. Se é fato que o *princípio do prazer* e as *pulsões de vida* são desvios no caminho para a morte, é concomitantemente real que as *pulsões de morte* não só impeçam a “repetição do mesmo”, como possuam em si um potencial criador. Elas indicam-nos um horizonte que, aquém da conscientização, é renovador e apaziguador sem, contudo, deixar de ser caótico e destrutivo.

Isto posto, diante das tendências protetivas do *Eu*, ainda devemos notar – para nossa leitura – como, a partir de 1920, a *repetição* e as *pulsões de morte* suscitam duas características essenciais à compreensão dos traumas. Dispondo a sede da consciência no córtex cerebral, Freud defende que, se ao traumas são causados “pelo fator da surpresa, do terror” (FREUD, 2010c, p. 168), é a angústia daí decorrente que favorece a proteção “contra o surgimento da neurose” (FREUD, 2010c, pp. 168-169). Referindo-se ao tratamento diferencial da psique às demandas externas, inquirere a prevalência das sensações de prazer-desprazer, mas também caracteriza a tendência da psique à tratar as demandas internas como externas e, assim, à proteger-se delas por meio de um filtro orgânico – um *Reizschutz*.

---

<sup>5</sup> Em Freud, jamais defendemos a ideia de uma pulsão a parte destas dicotomias. Ambas as modalidades se impõem juntas e mescladas. Portanto, “pulsão é sempre pulsão sexual e pulsão de morte” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 57)

<sup>6</sup> Este princípio é o mais forte motivo “para crer na existência de instintos de morte” (FREUD, 2010c, p. 228)

Em verdade, pautada pela memória inconsciente (*ICs*), a psicanálise diz que a consciência (*Cs*) é apenas uma função peculiar da psique. Se é verdade que ela nos supre tanto de percepções de demandas decorrentes do mundo externo quanto de sensações possivelmente internas, então a pré-consciência (*P-Cs*) localiza-se no limiar entre o exterior e o interior do organismo – ela é, por assim dizer, o nosso esquema perceptivo, situado entre o psíquico e o somático. Clinicamente falando, as excitações deixam, sobre a inconsciência, traços duradouros de memória que em nada se relacionam com o “tornar-se consciente”. Contudo, quando nos referimos à *P-Cs* e *Cs*, é difícil acreditar que estas memórias sejam aí produzidas, pois “tornar-se consciente” e “deixar traços duradouros” podem ser “incompatíveis dentro do mesmo sistema” (FREUD, 2010c, p. 186). Assim, a consciência pode ser ela mesma sem, todavia, deixar marcas profundas, pois, nela, as excitações são exauridas no próprio fenômeno de “tornar-se consciente”. Para Freud, isto é condição para reformular teoria do choque, que, em 1920, atribuirá menos valor à violência mecânica do que ao terror e a ameaça à vida.

Ora, se impera uma incompatibilidade entre consciência e memória, e se, paralelamente, as excitações que não podem tornar-se inconscientes são estocadas nos sistemas *P-Cs* e *Cs* (fazendo com que a consciência nasça no lugar do rastro mnésico), então os choques externos alteram de tal maneira a constituição do organismo que, atingindo-o superficialmente, por vezes transcorrem inversamente às camadas mais internas. Tal como veremos, nos referimos, aqui, à formação de uma casca tão enrijecida/curtida que, frente as excitações, apresentaria em si as “condições para a recepção de estímulos” (FREUD, 2010c, p. 187). Atuando em favor da seguridade, este *Reizschutz*, ou melhor, esta casca formada pela ação dos estímulos possui forma bruta. Inorgânica, sua superfície funciona como um invólucro que detém estímulos e “faz com que as energias do mundo exterior possam penetrar com uma fração de sua intensidade nas camadas adjacentes, que permaneceram vivas” (FREUD, 2010c, p. 188). Como antenas que tateiam o mundo e tão logo se retiram dele, a recepção dos estímulos via *Reizschutz* serve à função de saber a orientação e a estirpe dos estímulos para, disto, provar o mundo em quantias mínimas e casuais. Consequentemente, talvez para o vivente “a proteção contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção de estímulos” (FREUD, 2010c, p. 189).

Finalizando esta parte, vemos como o organismo se dispõe à tratar as excitações internas como se estas operassem a partir de fora. Isto faz a psique usar, contra elas, os meios defensivos do *Reizschutz*. Todavia, distintamente do que veremos em Benjamin, ainda que, diante disto, possamos dizer que quanto mais os indivíduos *repetem* seus acidentes, menos terror eles sentem, salta aos olhos como, em *Além do Princípio do Prazer*, só as excitações suficientemente fortes para criar uma perturbação no aparelho psíquico e, assim, romper o *Reizschutz* são consideradas traumáticas. Se é o Ego que, gerindo as pulsões, regula as descargas excessivas, os choques contra esta membrana protetiva só interpõem a normalidade quando as excitações passam à condição de trauma. Portanto, se – de uma distinção entre “angustia”, “medo” e “terror”<sup>7</sup> – entendemos que a angustia é também uma linha de mobilização contra as excitações, então, para Freud, o trauma não é tanto o choque, mas o susto sentido na *repetição* do trauma. Isto não só torna claro como, em situações normais, o *Reizschutz* não protege a psique contra os choques mas que, via *repetição* e *pulsões de morte*, quando traumáticos, os choques que se repetem ressurgem, na verdade, com um renovado terror. E isto vai na contramão de qualquer possibilidade de reconciliação ou adaptação ao meio.

## **2. Walter Benjamin: Experiência, Modernidade e Choque**

Com o advento da modernidade deu-se início ao fenômeno social do deslocamento dos indivíduos do campo para as metrópoles. Tal transformação levou Walter Benjamin a pensar as consequências da urbanização na experiência social. Ao analisar a multidão de pessoas em seus centros como exemplo paradigmático, o filósofo alemão constata que os recém-chegados se depararam com um sentimento de estranhamento nas grandes cidades, ao se verem servindo de massa neste espaço hostil e alienante. É lendo *As Flores do Mal* que Benjamin enxerga em Charles Baudelaire um poeta preocupado com tais mudanças, em especial com as dificuldades sentidas pelos leitores ante a poesia lírica desta época.

---

<sup>7</sup> Em 1920, a “angustia” remete à um estado de expectativa e preparação para um perigo qualquer, o “medo” é a presença real de um objeto amedrontador e o “terror” é estado em que ficamos quando corremos “um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa” (FREUD, 2010c, p. 169). Sendo assim, o trauma está relacionado antes ao o terror do que à angustia, uma vez que esta serve de proteção contra as surpresas para as quais não estamos preparados.

A perspectiva de Baudelaire evidencia como a concentração das pessoas nas grandes cidades geram patologias sociais, fazendo com que “sejam afeitos ao *spleen* (melancolia), que anula o interesse e a receptividade” (BENJAMIN, 2010, p. 103). Apesar das poucas chances de êxito, Baudelaire buscou ser compreendido entre seus semelhantes, tratando-os como irmãos e iguais (Cf. BAUDELAIRE, 2006, p. 113). Todavia, é em função da expansão dos espaços urbanos que seus leitores só apareceriam posteriormente; e isto porque a receptividade da obra lírica tornou-se desfavorável. Se é natural supor que muito pouco das obras líricas ainda possui contato com seus espectadores, é valendo-se do universo conceitual de Baudelaire que Benjamin empreende uma análise centrada na distinção entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*). Distintamente do que imperava no âmbito da crítica literária, em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire* compreenderemos como o poeta se impôs o desafio de compor contra “as tentativas poéticas e filosóficas que buscaram restaurar a dignidade perdida através de uma experiência já dificilmente sentida pelo público” (LIMA & BAPTISTA, 2013, p. 472).

### *2.1 Baudelaire e a Experiência da Modernidade*

A busca baudelairiana consiste numa poética cujos pressupostos articulam as vivências desgarradas da modernidade face à autenticidade da experiência e a consciência das transformações artísticas e mercadológicas que determinariam a decadência da poesia lírica. Para Benjamin, os poemas d’*As Flores do Mal* soam como manifestação frente a noção de arte enquanto produto da massificação populacional. Assim, “*Sobre Alguns Temas...*” indaga por uma forma de poesia que, incrustada na vida moderna, não seja nem refém desta, nem pura evocação anacrônica do passado. Ciente desta tarefa, Baudelaire se preocupou com a difusão e eficácia de sua literatura sem, contudo, deixar de criticar a ociosidade à sí contemporânea: o tédio das massas. Se modernidade se tornara cada vez mais esquivada à lírica do passado, é fato que ofertou aos seus leitores cada vez menos interesse pela cultura, fazendo com que a tradição lhes fosse irritadiça e melancólica.

Ao se debruçar nessa estética específica de Baudelaire, Benjamin tenciona as relações entre a poesia lírica e a massa urbana, alertando ao fato de que não é possível destacar-se da multidão como se esta fosse uma realidade extrínseca. Neste aspecto,

*Flores do Mal* nos faz sentir que a vida é mais ameaçadora nas cidades do que nas florestas, uma vez que aquelas são compostas de pessoas egocêntricas, sedentas por se afirmarem mas que, na realidade, se sentem amedrontados com a fragilidade da existência e com a possibilidade de se tornarem “cada vez mais parecidas umas com as outras, isto é, com a possibilidade de estarem se despersonalizando” (KONDER, 1999, p. 98). Para Benjamin, Baudelaire não apenas preocupou-se em escrever à este leitor cujas inquietações remetem menos à herança cultural do que as novidades impactantes do cotidiano, mas acentuou as transformações no modo de recepção das vivências nas cidades. É notável que em nenhum outro texto como em “*Sobre Alguns Temas...*” se empenhou tanto em compreender as diferenças entre a experiência pautada pela tradição e as adversidades da vida moderna.

Ora, se por um lado a experiência – individual e coletiva – é matéria da tradição e forma-se com os “dados acumulados, e com frequência inconsciente, que afluem à memória” (BENJAMIN, 2010, p. 105), na contraparte, impera como estrutura de uma *vivência* que se constitui a partir de dados isolados, “rigorosamente fixados na memória” (BENJAMIN, 2010, p. 105). Pautado dicotomia entre memória e consciência, estabelece, portanto, uma distinção entre os termos *Erfahrung* (experiência via tradição) e *Erlebnis* (vivência moderna). Balizada por nomes como Bergson, Proust e – para nossa leitura – Freud, esta obra constituirá toda ela uma busca por definir a *vivência* como expressão da modernidade. Vejamos rapidamente como, recorrendo à estes autores, Benjamin instaura esta distinção acreditando não só que, face às mudanças incutidas pelo capitalismo, impera certa degradação de *Erfahrung*, mas que, neste novo mundo, a consciência vê-se constantemente alerta, agindo, assim, como um mecanismo de defesa contra as situações cotidianas de “choque”.

“*Sobre Alguns Temas...*” toma Baudelaire como se este estivesse atento ao “vazio” dos operários citadinos. E é destacando um texto como *Matéria e Memória* que entrevê uma via interpretativa da modernidade, na qual a ligação com os momentos retidos (passado) dá-se pela duração de uma imagem: *durée*. Bergson, diz Benjamin, define a “experiência na *durée* (duração) de tal maneira que o leitor se sente obrigado a concluir que apenas o escritor seria o sujeito adequado de tal experiência” (BENJAMIN, 2010, p. 105). Oferecendo um norte interpretativo, o pensamento bergsoniano é a tentativa de esmiuçar a reprodução temporal desta imagem sem que a mesma seja transcendente à memória individual. No entanto, é pelo fato de evocar a

presentificação intuitiva do fluxo vital como se esta fosse uma livre escolha que – apesar de orientar-se pela biologia – Bergson deixou de situar historicamente a memória, distanciando-se, assim, das experiências que ele mesmo introduzia.

Neste ínterim, se inferimos que *Matéria e Memória* falha no trato da experiência histórica, é Marcel Proust que – diz Benjamin – pode ter colocado à prova a memória bergsoniana. Ele compreende que, para além de uma memória sujeitada aos mandos do intelecto, da consciência e das volições (*mémoire volontaire*), se destaca, na modernidade, uma memória involuntária (*memorie involuntaire*), relacionada à repetição do passado sobre a atualidade, e que põe ao acaso a possibilidade do sujeito circunscrever-se numa imagem plena de si. Deste modo, se – como gostaria Bergson – as memórias voluntárias não retém nada do passado e se, paralelamente, a consciência citadina estaria associada à *Erlebnis*, então, para Benjamin, ainda que a poesia não narre a operatividade da memória, entendemos, via Proust, como os traços da experiência só se impõem quando apresentam-se as condições *involuntárias* da memória. A tentativa de reproduzir poeticamente os conceitos bergsonianos mostra como Proust foi sensivelmente capaz de aplica-los sobre um fundo menos idealista

Todavia, se Benjamin não pretende esquivar-se das ciências, não é sem sentido que escolha o método de associação livre da psicanálise para, sem deixar de apelar à subjetividade, compreender como emergem as *memórias involuntárias*. Segundo o próprio, na busca por maior concretude sobre o “conceito proustiano de *memória da inteligência*, é aconselhável se reportar à Freud” (BENJAMIN, 2010, p. 108). Interessado na análise dos traumas de guerra, toma *Além do Princípio do Prazer* como interlocutora e empreende uma análise epistemológica da experiência moderna a partir das considerações sobre a *memória involuntária* de Proust. Citando trechos desta obra de 1920, acentua como a impressão dos estímulos na memória não necessariamente está ligada à consciência, pois, como já vimos, não parece coerente que os atos conscientes sejam concomitantes à impressão dos dados retidos na memória. Destas considerações, emerge, também, uma “teoria do choque”, desenvolvida como chave para a crítica da cultura e a crise da experiência na vida moderna.

De fato, quando lê *Além do Princípio do Prazer* para tratar da modernidade, Benjamin se baseia na dicotomia psicanalítica entre memória e consciência e, disto, instaura sua distinção entre *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência). Para o ensaísta, a memória apta à guardar traços duradouros está relacionada à *Erfahrung*,

enquanto que a consciência liga-se à *Erlebnis*, estando, assim, preparada para lidar com os estímulos da modernidade. A predominância do sistema *P-Cs* sobre a memória pautada pela tradição está ligada às mudanças difundidas pela sociedade capitalista. Com o advento da modernidade, as faculdades mnemônicas encontram-se, portanto, esvaziadas, pois não há *experiência* a ser compartilhada ou transmitida. Ocorre a degradação de *Erfahrung* face a predominância de *Erlebnis*. Isto introduz uma nova sensibilidade, balizada pela onipresença das situações de choque.

Segundo Sergio Paulo Rouanet, isto significa que “a instância psíquica encarregada de captar e absorver o choque passa a predominar sobre as instâncias encarregadas de armazenar as impressões na memória” (ROUANET, 1990, pp. 47-48). Em oposição ao mundo pautado pela tradição, imperam, na modernidade, as *vivências* que, constantemente, mantém a consciência em estado de alerta, de expectativa – de angústia. A consciência funciona, assim, como um *Reizschutz* contra as pretensas situações desgostosas do cotidiano. Angustiados, nas ruas os anônimos (indivíduos) caminham apressados, esquivando-se dos esbarrões. Para Benjamin, torna-se condição da modernidade aparar os choques da multidão; torná-los inativos, elaborá-los teticamente, sem, todavia, guarda-los como traços duradouros.

Diante disto, se entendemos que, nas cidades, o “choque” tornou-se o horizonte normativo a partir do qual somos balizados, é retomando Baudelaire que Benjamin enxerga, neste, um artista capaz de, mergulhado nesta realidade, distender os laços remissoriais e, da lida prática, notar “o empobrecimento da experiência, o esvaziamento da memória e a reificação da vida cotidiana” (ROUANET, 1990, p. 52). Impossibilitado de destacar-se da multidão, Baudelaire abraça como causa a tentativa de “aparar os choques, de onde quer que provierem, com o seu ser espiritual e físico” (BENJAMIN, 2010, p. 111). Usando a metáfora da esgrima como alegoria de “resistência” aos choques, para Benjamin, o poeta francês é um espadachim que, na expectativa das situações de perigo, distribui, em meio à multidão, estocadas com seus instrumentos (lápiz, pincel, pena) a fim de não perder de vista as palavras que lhe escapam.

A partir dessas reflexões, fica claro como o lirismo de Baudelaire tornou-se digno de habitar o urbano, pois foi “em busca da vivência, do poema consciente [...] para suportar os choques [...] de uma vida nas grandes cidades” (LIMA & BATISTA, 2013, p. 480). Sem negar os efeitos das mudanças de seu tempo, assume o heroísmo de

viver a modernidade e – através do *spleen*<sup>8</sup> – confrontar a dissolução da experiência histórica: “Baudelaire se volta contra a multidão; e o faz com a fúria impotente de quem luta contra a chuva e o vento” (BENJAMIN, 2010, p. 145). Neste sentido, sua poesia também determinou o preço à se pagar quando se deseja “adquirir a sensação do moderno: a desintegração da aura na vivência do choque” (BENJAMIN, 2010, p. 145). A crítica de Benjamin, via Baudelaire, à modernidade reside na audácia do poeta assumir o “fim da aura” e, em meio a massificação, lapidar ações reativas perante a intensificação dos choques e o ajustamento da conduta à voracidade das metrópoles. Sendo assim, se, via psicanálise, entendemos que na modernidade o desprezo quase generalizado por *Erfahrung* originou uma forma de poesia vinculada às vivências sem referencial, a poesia baudelairiana é, pois, a mais pura manifestação de *Erlebnis*.

## 2.2 Choque e a Atrofia da Experiência: Benjamin leitor de Freud

Retomando nossa leitura, uma vez entendido que a escassez dos traços mnêmicos sobre a *experiência* caracteriza a modernidade, é invocando Freud não apenas como interlocutor das descobertas sobre o inconsciente (*memória involuntária*), mas por sua descrição da consciência como sistema protetivo contra os choques (*Reizschutz*) que Benjamin evidencia a pertinência da psicanálise sobre sua filosofia. Segundo Rouanet, o ensaísta “desenvolve a teoria freudiana sobre a correlação entre memória e consciência, na perspectiva de uma crítica da cultura” (ROUANET, 1990, p. 44). Assim, ainda que sua leitura seja desinteressada, se nossos objetivos residem tanto em descrever como “*Sobre Alguns Temas...*” interpreta parte da proposta de *Além do Princípio do Prazer*, quanto em tirar a prova real a partir dos postulados psicanalíticos, veremos agora como Benjamin retira de Freud o amparo de sua crítica à modernidade.

Em verdade, se a modernidade leva ao paroxismo as situações de choque, ao ler *Além do Princípio do Prazer*, Benjamin defende que os atos téticos não possuem duração enquanto associados às *memórias voluntárias*. Para que um estímulo se situe como tradição e se instale *involuntariamente*, não pode ser vivenciado conscientemente.

---

<sup>8</sup> Segundo Rouanet, é através do *spleen* que Baudelaire consegue refletir sobre a realidade do choque. E isto porque diz respeito àquela “forma específica de *tedium vitae* que reconhece a experiência como irrecuperável, e em vez de recriá-la artificialmente, transforma essa pedra na própria matéria de sua reflexão” (ROUANET, 1990, p. 51). O *spleen* é, portanto, uma categoria que, sem destacar-se da realidade, assimila as vivências de choque sem, contudo, deixar de confrontar-se com a atrofia da experiência em toda sua nudez.

Desta feita, a correlação entre memória e atos de consciência trata o esquema perceptivo (percepção + consciência = pré-consciência) como se – sem preservar os resquícios das excitações externas – sua função fosse repassar os traços mnêmicos pré-conscientes e oriundos da vida mundana aos demais sistemas psíquicos. Retomando termos proustianos, “só pode se tornar componente da *mémoire involontaire* aquilo que não foi expressa e conscientemente ‘vivenciado’, aquilo que não sucedeu ao sujeito como ‘vivência’” (BENJAMIN, 2010, p. 108). Esquemáticamente, consciência e memória são incompatíveis, o que impossibilita as excitações de deixar resquícios mnêmicos conscientes e faz com que, sem incorporar-se à memória, o sistema perceptivo evapore na medida em que dá-se a enformação dos conteúdos da consciência.

Se a *experiência* acaba quando afloram os atos de consciência, então os traços mnêmicos são mantidos de forma mais intensa enquanto sua produção não passam à consciência. Lendo Freud, Benjamin diz que, diante da repetição do trauma e da fugacidade de nossas lembranças, a memória conserva as impressões decorrentes das relações com a alteridade:

A proposição fundamental de Freud, subjacente a essas explicações, é formulada pela suposição, segundo a qual ‘o consciente surge no lugar de uma impressão mnemônica’. O consciente “se caracteriza, portanto, por uma particularidade: o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização’. O axioma desta hipótese é ‘que a conscientização e a permanência de um traço mnemônico são incompatíveis entre si para um mesmo sistema’. Resíduos mnemônicos são, por sua vez, ‘frequentemente mais intensos e duradouros, se o processo que os imprime jamais chega ao consciente’. (FREUD *apud* BENJAMIN, 2010, p. 108)

Entretanto, apesar de não registrar os choques recebidos, devemos lembrar que o sistema *P-Cs* possui uma função elementar ao aparelho psíquico: “a de agir como proteção contra estímulos” (BENJAMIN, 2010, p. 109). Ainda que os traços permanentes da memória estejam vinculados à sistemas diversos à consciência, *P-Cs* atua como um filtro inorgânico de defesa (*Reizschutz*), pré-selecionando os estímulos e admitindo apenas uma parcela das excitações que incidem sobre o organismo. Quando “interceptadas pelo *Reizschutz*, as excitações demasiadamente intensas produzem um choque traumático” (ROUANET, 1990, p. 45). Deste modo, se no primeiro tópico vimos que os traumas de guerra tendiam, pelos sonhos, a repetir a surpresa do acidente

como se esta fosse *involuntária*, então a vida moderna é, para Benjamin, constituída a partir destes choques que, sucedidos, tendem à atrofia da *experiência*.

Uma vez posto que a consciência serve de proteção/barreira aos sustos e surpresas (estímulos, efeitos traumáticos ou choques) decorrentes das relações com a alteridade, quanto maior a ansiedade, a conscientização e “quanto mais corrente se tornar o registro desses choques no consciente, tanto menos se deverá esperar deles um efeito traumático” (BENJAMIN, 2010, p. 109). Sem que, com isto, possamos equivaler as “vivências de choque” com as “experiências traumáticas” suscitadas em *Além do Princípio do Prazer*, aquelas (vivências de choque) surgem em “*Sobre Alguns Temas...*” para evidenciar como, na modernidade, o uso das barreiras egóicas contra os estímulos externos é intensificado. Na experiência citadina, a consciência precisa estar atenta às ameaças de choque. Da dialética entre *Erlebnis* e *Erfahrung*, dá-se, neste sentido, um desengajamento dos indivíduos em relação à tradição; uma atrofia desta *experiência* que, devido ao fenômeno da multidão, torna-se quase irrisória quando comparada à *Erlebnis*. Quanto maior a ansiedade produzida pelos choques, mais vigilante e sujeitada estará a consciência, o que resulta num acentuado empobrecimento dos traços mnêmicos alocados na memória.

quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência (BENJAMIN, 2010, p. 111)

Na modernidade, nos adaptamos ao predomínio de *Erlebnis!* Deste modo, se nos dirigirmos ao que, para Benjamin, seria uma crítica epistemológica do capitalismo, observamos como os choques tendem a afetar as múltiplas esferas da vida. A característica central da modernidade é ter intensificado estas vivências. E isto é de tal modo que os choques passam a habitar todos os domínios, privados ou coletivos.

Ora, no que tange a economia, os operários reagem automaticamente às máquinas. Quando o *modus operandi* capitalista instaura a “cadeia de montagem”, os trabalhadores passam a lidar com formas de produção não-orgânicas entre os horizontes temporais da cadeia produtiva. Incutindo o produtivismo nas sutilezas, o operariado adapta-se à frenesia das máquinas, que lhes transmitem “uma espécie de choque elétrico, que a cada minuto se repete, para desencadear um novo movimento muscular,

em tudo idêntico ao anterior” (ROUANET, 1990, p. 45). Sem recorrer à *experiência* ou à reflexão, é como se se criassem autômatos que, face aos choques externos, só responderiam às partes que lhes competem na cadeia produtiva.

Acerca do político e do cotidiano, se a realidade dos choques se impõe pelo golpe de estado, então também é algo onipresente na multidão. De fato, se, na esfera pública, o modelo do *putsch*<sup>9</sup> evidencia as tentativas mecânicas de intervenção junto aos processos históricos, cotidianamente, os choques se impõem de tal maneira que, receando o perigo, os indivíduos são – como na esgrima – obrigados a distribuir estocadas em meio à multidão para, só assim, transitarem. Enquanto o sistema de *putschs* se constitui com base em investidas bruscas e estratégicas sobre as instâncias sociais, a sobrevivência diária obriga o indivíduo a desferir golpes destinados “a abrir-lhe o caminho” (BENJAMIN, 2010, p. 113). Desta feita, posto que a realidade dos choques é tácita às esferas supracitadas, diferentemente da sensibilidade tradicional cujas experiências evocavam uma sedimentação da memória “em seu próprio passado e na tradição coletiva” (ROUANET, 1990, p. 46), a *vivência* dos choques resultam num novo modo de lidarmos com as demandas do mundo. Uma nova sensibilidade concentrada “na interceptação do choque, em sua neutralização, em sua elaboração” (ROUANET, 1990, p. 46).

Isto posto, vemos que, para Benjamin, as artes não apenas assinalam a rispidez de suas figuras, como trazem à tona a reflexividade necessária à assimilação dos choques. No que tange, por exemplo, a literatura, se Baudelaire almeja expressar as experiências de choque nas grandes cidades, a partir da consolidação do capitalismo, suas poesias trazem à baila as ansiedades e implicações do homem com a massa. Segundo Rouanet, recebendo (passivamente) e respondendo (ativamente) as demandas, “o homem moderno caminha na multidão, como um autômato, e ao mesmo tempo agudamente consciente dos perigos circundantes” (ROUANET, 1990, p. 46). E se, disto, surge uma “estética dos choques”, será através das imagens cinematográficas que tais vivências atingirão maturidade. Assim, posto que os choques adestram o sistema sensorial, será no cinema onde a “percepção sobre a forma do choque se impõe como princípio formal. Aquilo que determina o ritmo da produção na esteira rolante está subjacente ao ritmo da receptividade, no filme” (BENJAMIN, 2010, p. 125).

---

<sup>9</sup> Apresentado por Marx em *18 de Brumário de Luiz Bonaparte*.

Concluindo, podemos alegar que, diante das projeções cinematográficas, a sucessão brusca das imagens não só limita os espectadores a utilizar uma parcela do aparelho psíquico, mas – tal como n'outras esferas – representa uma adaptação/sujeição dos indivíduos às ameaças cotidianas. Destituída de amparo histórico, a vida nas massas nos despe de *Erfahrung*, forçando-nos 1) a estar constantemente preparados aos perigos imediatos e, sob o preço de uma irreflexividade que antepõe as vivências de choque em relação à experiência histórica, 2) a criar filtros de defesa capazes de proteger-nos dos choques. Portanto, lendo Freud, Benjamin diz que, desde as instâncias privadas, os homens precisam estar totalmente atento em suas vivências, pois, caso contrário, arriscar-se-iam a perder suas próprias identidades. De nossas leituras acerca da *repetição*, da *pulsões de morte* e da dicotomia entre consciência e memória, resta-nos, pois, tirar a prova real das teses benjaminianas e, assim, evidenciar as novidades e inexatidões do ensaísta em relação ao mote de *Além do Princípio do Prazer*.

### **3. Conclusão: Caminhos e Descaminhos de Walter Benjamin**

Se em momento algum desejamos passar por alto a pertinência da leitura benjaminiana sobre Freud, podemos dizer que, acerca da distinção entre trauma e não-trauma, o núcleo de suas teses reside na tentativa de sustentar como os traumas deflagrados pelas excitações externas possuem a tendência de se tornarem ininterruptos, evidenciando, assim, o modo como a consciência está sujeitada às situações de choque. Da dialética entre *Erlebnis* e *Erfahrung*, o homem moderno, para Benjamin, não mais se atém à sabedoria de suas *experiências/memórias* advindas do passado. Suas faculdades mnemônicas encontram-se esvaziadas, pois não há *experiência* a ser compartilhada ou transmitida. A modernidade esquece de sua história duradoura e introduz uma nova sensibilidade, balizada pelas situações de choque. Os choques forçam “a barreira do *Reizschutz*, tornando-se conscientes, e transformando-se em vivências” (ROUANET, 1990, p. 74). Isto, já vimos, representa a degradação de *Erfahrung* face *Erlebnis*.

O ego possui, também em Benjamin, a tarefa de filtrar, defender e repelir a excitações pretensamente aviltantes. A fim de evitar qualquer possível desorganização psíquica, os contra-investimentos pela via da angústia correspondem, tal qual Freud, não só ao empobrecimento dos sistemas psíquicos sob o preço de uma redução/paralisação das atividades mentais, como reintroduzem a ideia de atrofia da

*experiência* face aos contínuos dispêndios energéticos para interconectar as excitações que possam forçar o *Reizschutz*: “nessa nova versão, o choque não seria aparado pelo *Reizschutz*” (ROUANET, 1990, p. 76). E isto se dá de tal forma que nos conduz à uma reificação do homem enquanto indivíduo autômato, cujas instâncias encontram-se empobrecidas diante das tentativas de neutralizar os efeitos traumáticos dos acontecimentos não filtrados pelo *Reizschutz*. Há uma adaptação do homem à realidade dos choques.

Todavia, apesar de notórios, não podemos deixar de acentuar que, diferentemente de Freud, os apontamentos de Benjamin jamais especificam as diferenças entre os acontecimentos traumáticos e não-traumáticos. Por mais que discirna *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência) pautado pela oposição entre memória e consciência, o fato é que, sejam quais forem os estímulos que se projetam contra o *Reizschutz*, estes sempre provocarão, em Benjamin, uma situação de choque. E isto se faz teoricamente alheio à Freud. Se bem compreendemos os autores, então as observações do ensaísta estão estruturadas a partir de certos mal entendidos em relação à *repetição* e ao mote de *Além do Princípio do Prazer*.

De fato, não podemos negar a fidedignidade de Benjamin entorno da descrição da consciência enquanto sistema cuja tendência é encaminhar as excitações filtradas pelo *Reizschutz* ao inconsciente; e isto na medida em que estas excitações não deixam vestígios de seu atravessamento pelo sistema *P-Cs*. Até mesmo Freud acentua a incompatibilidade entre a memória e o “tornar-se consciente”. E isto porque “as excitações depositadas na memória não são conscientes, e as que se tornam conscientes se evaporam” (ROUANET, 1990, p. 73). Entretanto, lendo a obra de 1920, em momento algum inferimos que as excitações aparadas pelo Ego geram, necessariamente, o choque. Correspondem, antes, à normalidade do ego e do organismo em vistas de assegurar sua preservação frente às demandas externas.

Gerindo as pulsões em vistas de permitir, adiar ou proibir a gratificação de certos impulsos, se é o Ego que – pela prova da realidade e das medidas protetivas – serve de regulador contra as demandas excessivas, os choques, em Freud, só interpõem o curso normal do comportamento quando as excitações são traumáticas. Estamos falando de estímulos fortes o suficiente para danificar e romper o *Reizschutz* – aquela casca tão enrijecida/curtida pela ação das excitações que “apresentaria as mais favoráveis condições para a recepção de estímulos” (FREUD, 2010c, p. 187). De acordo com

Freud, se compreendemos que, em detrimento da normalidade do sistema psíquico, tais excitações pressupõem uma mobilização de distintas formas de energia, então poder-se-ia reformular a teoria do choque, que, em 1920, atribui menos valor à violência mecânica do que ao terror e a ameaça à vida. Neste sentido, o que a psicanálise busca explicar são os efeitos causados pela “ruptura da proteção [contra estímulos] para o órgão psíquico e pelas tarefas que daí resultam” (FREUD, 2010c, p. 194). E se assim entendemos que, relacionada à um estado de expectativa e preparação ao perigo, a angústia é, em Freud, a última linha de mobilização contra as excitações externas, salta aos olhos como o trauma causado não é tanto o choque, mas o susto; o terror que, em decorrência de uma carência de angústia, sentimos quando não estamos preparados para algo. Distintamente de Benjamin, Freud enfatiza, via *repetição* e *pulsões de morte*, a surpresa, que impossibilita o controle e a conformação.

Para além das barreiras protetivas, a angústia assume o papel de um dispositivo de defesa voltado tanto para a preparação dos perigos, quanto à possível neutralização das energias excedentes através de uma espécie de contra-investimento energético. Exigindo certa seguridade nos dispêndios, as energias excedentes são “ligadas por esse contra-investimento, e no momento oportuno descarregadas, permitindo assim que princípio do prazer [...] readquira condições de funcionamento normal” (ROUANET, 1990, p. 74). Isto não só torna claro como, em situações normais, o *Reizschutz* não necessariamente protege o aparelho psíquico contra os choques, como nos faz contestar “*Sobre Alguns Temas...*”. Benjamin não apenas entende que a interceptação dos choques traz às claras o funcionamento do sistema perceptivo, mas desconsidera o fato de que, para Freud, é o trauma que gera o choque.

Isto posto, se quanto maior for a participação do “choque em cada uma das impressões, [...] tanto menos essas impressões serão incorporadas à *experiência*, e tanto mais corresponderão ao conceito de *vivência*” (BENJAMIN, 2010, p. 111), podemos dizer que é pelo fato de Benjamin não distinguir as demandas incapazes de provocar o choque das vivências traumáticas que o ensaísta vê-se distante dos postulados freudianos. Se Benjamin acredita em nossa sujeição à realidade dos choques, Freud, por seu turno, diz que só há trauma quando os choques rompem a barreira do *Reizschutz*. Sendo assim, diante do pai da psicanálise, o ensaísta não só passa por alto a *compulsão à repetição* em adultos normais, mas esquece de salientar que, nestes casos, o conteúdo repetido do inconsciente surge com um renovado terror; uma surpresa que, por si só,

exclui qualquer possibilidade de adaptação, pois, diante do inconsciente e das *pulsões de morte*, somos eminentemente passivos. Desta feita, a conclusão desta nossa retrospectiva parece manifesta, pois se, para Benjamin, o sujeito se salvaguarda dos choques enquanto destaca-se da *experiência*, em Freud isto jamais acontece. Portanto, inferindo que as situações de choque na modernidade desembocam na degradação de *Erfahrung*, as teses benjaminianas dificilmente são compatibilizáveis com *Além do Princípio do Prazer*. E isto porque os autores diferem tanto no que diz respeito ao aspecto decisivo da memória na proteção contra as situações desgostosas quanto acerca da gênese epistemológica de nossos traumas.

## Referências

- ADORNO, T. W. *Sobre Walter Benjamin: Recensiones, Artículos, Cartas*. Madrid [Espanha]: Ediciones Catedra, 1995.
- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BENJAMIN, W. *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010, pp. 103-149.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória: Ensaio Sobre a Relação do Corpo com o Espírito*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1999.
- FREUD, S. (1911). *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*. In: FREUD, S. *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso Relatado em Autobiografia ("O Caso Schreber")*, *Artigos Sobre Técnica e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. 10 v.
- \_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao Narcisismo*. In: FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. 12 v.
- \_\_\_\_\_. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: FREUD, S. *História de uma Neurose Infantil ("o Homem dos Lobos")*, *Além do Princípio do Prazer e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. 14 v.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986
- KONDER, L. *Walter Benjamin: O Marxismo da Melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LIMA, J. G.; BAPTISTA, L. A. Itinerário do Conceito de Experiência na Obra de Walter Benjamin. *Princípios Revista de Filosofia [Natal]*, V. 20, n. 33, pp. 449-484, jun. 2013.
- LOWY, M. *Walter Benjamin: Um Aviso de Incêndio*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MARX, K. *18 de Brumário de Luis Bonaparte*. In: MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores)

ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990  
ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.